

UM TRISTE CINCO DE OUTUBRO

por Mário Soares

Deixou, com o actual Governo, de ser feriado. Pudera, este Governo não é republicano, visto que exclui, os valores republicanos, tanto quanto pode, e não dialoga com o Povo. Ora sem o Povo não há República e muito menos, quando se celebra o aniversário de janela fechada para não se ouvirem as vaias. Mas ouviram-se. E de que maneira. Porque a polícia, que também é Povo, infelizmente, é treinada em espancar, quem os chefes mandam e, assim, grita e bate em quem protestar. De qualquer modo, as vaias dirigidas ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro, ouviram-se bem, mesmo com a janela fechada na sala do Município. E os espancamentos policiais - e a prisão de um inocente, que foi libertado a seguir - multiplicaram o barulho e ouviu-se bem. Todo o País soube, assim, o que se passou. Seria melhor a janela não estar fechada... Mas a verdade é que nem se dignou ver e inaugurar a exposição sobre Raul Rego.

O discurso do Presidente da República foi curto e com pouco sentido e interesse. Parecia ser republicano e de Esquerda. O que nunca foi. Falou de ética, em abstracto, da escola pública (que está a ser destruída), mas teve logo o cuidado de dizer, a propósito do que se passa com o ministro dos Negócios Estrangeiros - para o qual o líder do PS, e bem, pediu a demissão - que um ministro não depende do Presidente. E o Primeiro-Ministro que o Presidente protege e escolheu, não pode demitir o ministro, por pressão do Presidente? Ou não quer, apesar de ser, como se sabe, solidário, protector fiel do Primeiro-Ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros, no tempo em que ambos estiveram ligados ao BPN? Que sentido faz então falar de ética? Não se coíbiu de elogiar a Senhora Procuradora Geral da República, que não teve papas na língua ao responder a propósito de Angola ao ministro dos Negócios Estrangeiros, deixando-o muito mal.

Ao contrário, o discurso do Presidente da Câmara, António Costa, foi excelente, de bom senso e de oportunidade. Vale a pena relê-lo.

Este aniversário do 5 de Outubro lembrou-me os ominosos tempos de Salazar, em que por dar vivas à República fui duas vezes preso, uma das quais quando, junto ao monumento a António José de Almeida, grande Presidente da I República, a PIDE lançou gases lacrimogéneos sobre o General Delgado, os Professores Jaime Cortesão, António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes e, modestamente, eu próprio.

Agora, ainda não houve gases lacrimogéneos. É verdade. Mas a hipocrisia do Presidente da República e do Governo de que o Presidente é solidário e protector, como se tem visto, é seguramente maior. Não há PIDE, é verdade. Mas a polícia vai teimando em bater em quem protesta e qualquer dia - como avisou Durão Barroso - "temos o caldo entornado"...

Em conclusão. Enquanto o Governo - que está completamente paralisado - e ninguém sabe o que se vai passar nos próximos dias, que Orçamento vamos apresentar (silêncio!), como vai reagir o Tribunal Constitucional - esperemos que bem - e, em concreto, quais as exigências da Troika e dos usurários que a comandam.

Passos Coelho tenta segurar Rui Machete, como fez com Relvas, agora desaparecido e vaiado também por portugueses, no Brasil. Mas parece impossível que consiga fazer o mesmo com o ministro dos Negócios Estrangeiros e com a ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque, igualmente acusada de pouca seriedade e com pedidos do Parlamento para ser também demitida. É caso para perguntar: que Governo é este que atrai tantos delinquentes e que, Pacheco Pereira, que é membro do PSD, teve a coragem de afirmar que "está cheio de má fé"? E cujas "secções, em muitos casos artificiais, controladas por caciques locais, cuja vida, carreira e progressão, depende da sua capacidade de controlo do poder interno".

Trata-se não só de um mau Governo, completamente parado e desprestigiado em Portugal e no Estrangeiro e de "má fé". Contudo, o Presidente da República fala de ética - e para não cair no

ridículo absoluto - tem que o demitir. Até porque nenhum português tomará o Presidente a sério, nem a sua ética, se o não fizer.

As eleições e os Partidos

2. As eleições autárquicas do dia 29 do mês passado demonstraram que os Partidos - todos - estão anquilosados e devem ser repensados. Porque houve abstenção, como nunca, muitos votos em branco ou inutilizados e bastantes ditos independentes, mesmo que realmente não o fossem...

A campanha neo-liberal contra os Partidos e os políticos e o apagamento dos dois Partidos que construíram a Europa - os socialistas ou social-democratas e os democratas-cristãos, especialmente estes últimos - abriram a porta aos mercados usurários e aos economicistas e autocratas, que só lhes interessa o dinheiro e ignoram, ostensivamente, as pessoas, que para eles não contam. É o caso do actual Governo. Daí as vaias que a classe média (que está a desaparecer) e os trabalhadores desempregados ou não, que passam fome, bem como os filhos, sempre fazem ao Presidente da República e aos mais visados membros do Governo...

A arraia miúda odeia o Governo - porque sofre directamente com os cortes das pensões e os impostos, directos ou indirectos, que lhes impõem, com a chamada austeridade, que continua. Mas, em muitos casos, por ignorância, não distinguem os bons dos maus políticos e, por isso, detestam todos a política, em geral. Ignorando os economicistas e os burocratas ao serviço da austeridade, que são os verdadeiros responsáveis do estado a que chegou o nosso pobre País e a destruição progressiva das instituições criadas no pós 25 de Abril: o Estado Social, o Estado de Direito, a Constituição, que todos aliás juraram e deviam respeitar (o que não tem sido o caso do actual Governo), os Sindicatos e a Concertação Social, bem como os cortes no ensino e nas nossas excelentes Universidades e Hospitais (ao serviço de todos) que vão a pouco e pouco sendo destruídos.

Voltando aos Partidos e à Política. É necessário e urgente modernizar e refazer os primeiros, com o objectivo de vencer a crise, e acabar com a austeridade e prestigiar a política, dignificando-a. De modo a que os não sérios - como sucede com alguns membros do Governo - sejam ignorados, sistematicamente, pela Justiça que, infelizmente, temos. Os exemplos abundam, desde os ligados ao BPN.

No artigo de sábado passado no Expresso, de Miguel Sousa Tavares, um excelente jornalista que diz a verdade e não tem medo, escreveu: "Nunca como hoje Portugal precisou tanto de ter estadistas e verdadeiros políticos no lugar dos caciques partidários, que tomaram o poder no PSD e no PS". Direi, com algumas excepções, que não devemos ignorar, porque há bons elementos nos dois Partidos, como é conhecido.

Por isso é natural que os portugueses que estão desesperados odeiem, com razão, o actual Governo porque lhes rouba as pensões para as quais descontaram longos anos. Mas não devem nem podem é generalizar essa raiva a todos os políticos, mesmo que sejam dos Partidos da Oposição ou mesmo dos Partidos que estão no poder, mas onde existem ministros e secretários-gerais críticos e honestos, como os há.

A verdade é que, como diz Sousa Tavares, cito: ""Nunca como hoje Portugal precisou tanto de ter estadistas e verdadeiros políticos no lugar dos caciques partidários, que tomaram o poder no PSD e no PS" e eu acrescento: e também no CDS/PP, apesar de como Partido, contar cada vez menos...

É por isso que todos os Partidos, incluindo o PCP, que não mudou nada no seu sectarismo, desde que foi legalizado - e bem - no pós 25 de Abril. Sim, todos os Partidos, sem excepção, devem perceber que o Mundo está em rápida mudança e os Partidos devem abrir-se e modernizar-se, se quiserem subsistir no futuro próximo. Os caciques que só pensam em subir na vida, à custa do Partido, sem valores nem pensamento próprio, têm que ser substituídos por políticos que pensem pela sua cabeça e tenham princípios éticos e ideológicos. É por isso que são membros de um Partido e não de outro...

É nesta base que digo que os Partidos se devem modernizar para que os seus membros - a qualquer nível - tenham o sentido da sua ideologia desinteressadamente. De modo a que o Povo respeite os políticos sérios e conheça a importância da Política, com P grande.

A Itália de Berlusconi acabou

3. Berlusconi parece ter terminado o seu longo período em que dominou - para mal dos italianos - a Itália contemporânea. Graças ao seu dinheiro e ao domínio de uma boa parte da Comunicação Social.

Berlusconi que cometeu faltas sobre faltas e que a Justiça italiana não teve a coragem de condenar, por múltiplas razões, acaba de perder o seu lugar no Senado, graças à intransigência do Presidente de Itália, Giorgio Napolitano, um excepcional Presidente, e ao Primeiro-Ministro, Enrico Letta, que está a fazer o melhor que pode para salvar a Itália, sem tocar na Democracia e no Estado Social.

Foram os ministros do Partido Povo da Liberdade de Berlusconi que fizeram cair Il Cavaliere, o que nunca tinha acontecido. Foi uma rebelião que julgo, ter tirado o futuro político a Berlusconi. Que aliás se refugiou na sua bela casa, onde levou tantos políticos e onde tantas orgias tiveram lugar...

Enrico Letta parece ser o homem forte do momento e, curiosamente, é sobrinho de Gianni Letta, que foi secretário de Estado de Berlusconi.

Enrico Letta é hoje popular em Itália, porque a tem estado a salvar da crise, visto que cada italiano em dois o considera ultra sério, eficaz, tecnocrata-europeísta e muito competente no plano internacional. Conhece bem o Parlamento europeu e a Comissão de Bruxelas.

Em suma, é a antítese de Berlusconi. É da escola de Romano Prodi, como ele, católico e da antiga democracia cristã que tem vindo a perder partido em toda a Europa.

Quanto a Il Cavaliere, ao que parece a sua hora passou. E já é uma sorte se não for parar à cadeia, como a Justiça, no passado tão insegura, agora parece querer.

Felizmente - e de qualquer modo - a Itália entre os Governos em crise por causa da austeridade, deve ser dos primeiros a sair dela. Seria um excelente exemplo para a Zona Euro e o futuro da União Europeia e do euro, que - note-se - continua a ser uma moeda forte.

Que futuro para a Senhora Merkel?

4. Grande parte da Comunicação Social da Europa e das Américas escreveram que a Senhora Merkel ganhou as últimas eleições. Ora não é verdade. Não teve maioria, como desejava e mais: o Partido Liberal, seu aliado, não conseguiu eleger um único deputado. Daí a dificuldade, que ainda não foi vencida, de voltar a ser Chanceler. Precisa de novos aliados: os Social-Democratas ou os Verdes, que lhe põem condições. Nos dois casos, embora diferentes. No que se me refere gostaria, como é óbvio, que fossem os social-democratas. Mas estes, ao que parece, colocam-lhe maiores e mais difíceis condições.

Já houve, como se sabe, uma coligação CDU/Social-Democratas, que correu bem. O problema é que agora não se trata só da Alemanha - que começa a estar em dificuldades - porque a crise da zona euro, que a Senhora Merkel provocou, reflecte-se também na Alemanha. Uma boa parte dos países afectados pela crise deixaram de ter dinheiro, como no passado, para comprar as exportações alemãs: automóveis, frigoríficos, televisões, etc.

Curiosamente há uma certa preocupação nos alemães - e sobretudo nos intelectuais como Habermas, Sloterdijk, Harold Walmer, ou um comentador como Sascha Lobo. Sentem uma apatia e indiferença, quanto ao futuro, na sociedade alemã, que os preocupa.

A verdade é que a Senhora Merkel parece diferente do que era e começa a estar preocupada quanto ao futuro e ao modo como vencer a crise da zona euro, que afecta mais ou menos todos os países europeus. A austeridade que a senhora Merkel impôs aos países europeus que dela foram vítimas - como Portugal - longe de os ajudar, criou mais crise. O que é hoje uma evidência para os

Estados que a sofreram e só um país sem concerto - e dirigido por um imbecil - se atreve a dizer que é preciso acabar com o Estado Social, o Sindicalismo e a Educação para todos, como o Primeiro-Ministro da Holanda...

A Senhora Merkel vai ter que mudar, para que se possa vencer a crise na zona euro - e nos outros países europeus - que estão fora da zona. A Senhora Merkel, para subsistir como Chanceler tem de mudar e creio que o fará, no interesse próprio. Oxalá que o consiga em coligação com o SPD. Seria tudo mais fácil, como o passado provou.

Lisboa, 8 de Outubro de 2013